

## 12

**NO VÃO DA ESCADA: O MEDO DE SI EM  
A OBSCENA SENHORA D DE HILDA HILST**

Paulo César Andrade da Silva  
Victor André Pinheiro Cantuário

Recebido em 09 out 2022.

Aprovado em 25 jan 2023.

**Paulo César Andrade da Silva**

Doutor em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP/FCL-Ar). Professor da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP/FCL-Ar).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9290459261474398>.

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-5898-2914>.

E-mail: [paulo.andrade@unesp.br](mailto:paulo.andrade@unesp.br).

**Victor André Pinheiro Cantuário**

Doutor em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP/FCL-Ar). Professor da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) – *campus* Santana.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5400803841633748>.

ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0002-1706-1016>.

E-mail: [ve.cantuario@gmail.com](mailto:ve.cantuario@gmail.com).

**Resumo:** O objetivo do artigo é identificar a natureza do medo na obra *A obscena senhora D*, da escritora paulista Hilda Hilst. Amparado pela discussão filosófica de Svendsen (2008) sobre o medo e como é possível identificá-lo, bem como distingui-lo de outras emoções humanas, o artigo primeiramente apresenta a obra em questão para em um segundo momento se

deter na reflexão do medo no livro, indicando qual a configuração do medo de Hillé/senhora D e como ele se manifesta ao longo da narrativa. Tendo em vista que é uma das obras mais conhecidas e, no conjunto da prosa de ficção da escritora, uma das mais estudadas, o artigo pretende acrescentar mais uma sugestão de leitura a seu respeito, que é a evidência do medo no comportamento da protagonista.

**Palavras-chave:** A obscena senhora D. Medo e medo de si. Filosofia do medo. Hilda Hilst. Literatura brasileira contemporânea.

**Abstract:** This paper has by aim to identify the nature of fear in *A obscena senhora D*, written by Hilda Hilst. Based on the philosophical discussion of Svendsen (2008), about fear and how it is possible to identify the phenomenon, as well as to distinguish it from other human emotions, the paper firstly presents the book and then follows to a second moment in which the fear is discussed in the book, showing which is its form in the behavior of Hillé/senhora D and how it is possible to identify this particular emotion. Considering that the book is one of the most distinguished works of Hilst, the paper wants to propose one more way of reading it, that of the fear as an expression of life itself.

**Keywords:** A obscena senhora D. Fear and fear of herself. Philosophy of fear. Hilda Hilst. Contemporary Brazilian literature.

## PALAVRAS INICIAIS

O medo é uma emoção, afirma Svendsen (2008). E emoções são formas de se fazer presente no mundo, bem como de reagir a ele. Nesse sentido, como outras emoções, o medo desempenha um importante papel na maneira como nos comportamos diante de determinadas situações.

Entretanto, aquilo a que se associa o medo sofreu modificações ao longo da história, isto é, se hoje se fala em uma cultura do medo, para fazer uso da expressão de Frank Furedi<sup>1</sup>, é preciso compreender que ela se refere a um conjunto de elementos que fazem parte do contexto contemporâneo.

Dessa forma, a dinâmica do medo nos séculos XX e XXI é significativamente distinta daquela que se pode observar em séculos anteriores. Uma forma de confirmar isso é olhar para a maneira como a ciência, as artes e a literatura retrataram-no em diferentes momentos.

Em referência à literatura, por exemplo, o medo adquire uma importante função e atua de modo decisivo na literatura gótica, surgida na Europa, no século XVIII, que se dedicou a posicionar o humano em um mundo que não lhe seria absolutamente favorável, mas lugar de insegurança e incerteza.

Apesar de o medo na literatura ter se direcionado para a exploração de outras categorias, além do que o gótico havia proposto, a própria ideia do medo como emoção não sofrerá grandes modificações, pois ainda segue sendo caracterizado por um conjunto de reações físicas e psicológicas que permitem identificá-lo.

Algumas dessas, destacadas por Svendsen, são a mudança no ritmo da respiração, a aceleração do batimento cardíaco, tremores, alucinações, confusão mental e, em alguns casos, a completa impossibilidade de executar qualquer movimento. Reações que podem ser conferidas em livros que se propuseram a explorar tal emoção.

---

1 Em 1997, o sociólogo publicou um livro cujo título traz essa mesma expressão.

Contudo, é importante salientar, ainda de acordo com o filósofo norueguês, que essas condições somente podem ser associadas ao medo se o indivíduo tiver a percepção consciente de que se encontra em uma situação que represente perigo a si, ou seja, o medo é sempre medo de algo, orientado a um objeto.

Na cena literária contemporânea, o medo se manifesta alimentado por outras situações ou situações-limite, além do contato com o sobrenatural, como ser abandonado, estar só ou isolado, morrer de maneira imaginada como dolorosa, perder alguém muito querido, guerra nuclear, epidemia/pandemia, ataque terrorista.

Como se vê, parte desses medos é produzida mais externamente, não se relacionando com o contexto social, enquanto parte advém mais do interior e das experiências a que uma dada pessoa foi exposta, ou seja, está relacionada diretamente à sua vida.

Escrever sobre experiências que provocam medo ou que põem as personagens em situações-limite é algo que motivou constantemente a escritora paulista Hilda Hilst (1930-2004) ao longo de suas cinco décadas de atividade literária, seja na poesia, na prosa ou no teatro.

Segundo confessou em entrevista concedida no ano de 1993, Hilst disse o seguinte: “Tenho muito medo, tenho pânico de situações-limite. Acho que escrevo sobre elas para me exorcizar. A paixão, a morte, o perguntar-se. Tenho muito medo de mim também, por isso escrevo. Escrever é ir em direção a muitas vidas e muitas mortes” (MAFRA, 2013, p. 151).

Uma dessas situações-limite, a experiência do isolamento como expressão de medo, é justamente vivenciada por Hillé, protagonista de *A obscena senhora D*, romance publicado originalmente em 1982 pela editora Massao Ohno.

Ao longo da narrativa, é possível identificar instantes nos quais Hillé manifesta física e psicologicamente o medo que se instala nessa obra de Hilst. Não à toa, ser abandonada é o motivo eleito por Ehud para atribuir à sua esposa a denominação de senhora D.

Identificar a manifestação do medo no romance de Hilst é o propósito do artigo. Para tanto, inicialmente, serão apresentados comentários sobre o livro para, em seguida, demonstrar, em diálogo com as proposições de Svendsen, como esse medo se expressa nas ações da senhora D.

## **DE HILLÉ A SENHORA D: UMA TRANSFORMAÇÃO QUE PRODUZ MEDO**

Na introdução do levantamento realizado por Cristiano Diniz, sobre os estudos a respeito da obra de Hilda Hilst, abrangendo os anos de 1949 a 2018, Pécora (2018a) menciona uma lista dos dez textos da escritora mais estudados até aquele momento, posicionando em primeiro lugar *A obscena senhora D*.

Para o crítico literário, o que explica essa predominância não é tanto a reconhecida qualidade da obra e seu caráter inovador, mas o fato de ser a mais conhecida de Hilst. “Em parte, porque é um livro que se ajusta mais facilmente às leituras biográficas que insistem em fazer coincidir a narrativa hilstiana com o que sabem ou imaginam (quase sempre mais imaginam do que sabem) sobre a pessoa” da escritora paulista (PÉCORA, 2018a, p. 13).

É quase como se parte do público leitor buscasse conhecer a Hilda, por detrás da escritora, através de suas obras, reduzindo-a a uma personagem de si mesma ou produzindo a correspondência absoluta entre autor e obra. Até porque ela assume que personagens como Hillé “tem muito a ver” consigo (MAFRA, 2013, p. 149). Questão que Pécora também sinaliza quando afirma que “[p]arece verossímil pensar que todos eles [os personagens] sejam flexões de Hilda – como fica evidente em Hilde ou Hillé” (2018b, p. 410).

Para além dessas sugestões, *A obscena senhora D* é um livro que se consagrou na bibliografia hilstiana<sup>2</sup> pelos apelos que contém, pela busca que propõe, pelos questionamentos que realiza, bem como pelos incômodos existenciais que apresenta, marcado por uma escrita que se caracteriza mais como livre e de acordo com o fluxo da consciência, de acordo com Pécora (2018b).

Segundo a leitura apresentada por Todeschini, autora de um dos primeiros estudos sobre o livro, trata-se de uma obra que

tem como personagem principal, uma viúva de sessenta anos, que passa quase todo o tempo no vão da escada de sua casa. Encerrada aí, relembra seu marido morto, seu pai e repassa pela memória toda sua vida. Tudo acontece no fluir de sua consciência. Personagem cheia de perguntas, busca apaixonadamente suas respostas, numa sede insaciável de compreender. As pessoas da vila, onde ela mora, consideram-na uma louca e procura assustá-los abrindo a janela, gritando palavrões e

---

2 Em 1993, o livro foi adaptado para o teatro por Eid Ribeiro e Vera Fajardo, segundo informações contidas na página da Enciclopédia Itaú Cultural. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/evento516471/a-obscena-senhora-d>. Acesso em: 9 out. 2022.

obscenidades com o rosto coberto por máscaras.  
(TODESCHINI, 1989, p. 2)

No início da narrativa, o leitor se depara com uma personagem que é imediatamente renomeada. Deixa de carregar seu nome, Hillé, para se tornar a senhora D, de derrelição, conforme explica Ehud, seu marido. Chamando-lhe a atenção para o significado da palavra: “pela última vez Hillé, Derrelição quer dizer desamparo, abandono” (HILST, 2018, p. 17).

Como se se tratasse de um abandono autoimposto. Um abandono resultado de sua busca constante por algo (o divino?), motivada por questionamentos sucessivos, porque um ano antes da morte de Ehud, ela assumiu o vão da escada de sua casa como lugar de habitação, confessando que, com a morte do marido, “vai ser mais difícil viver aí” (HILST, 2018, p. 17).

O que indica que a situação-limite imposta à personagem, isto é, o seu momento mais perigoso é a maneira como decidiu viver, quer dizer, reclusa no vão da escada, de lá refletindo sobre a sua vida em idas e vindas pela sua memória, “à procura do sentido das coisas” (HILST, 2013, p. 17).

Aliás, a pergunta é a forma de existir e se posicionar no mundo eleita pela senhora D, tanto que, de acordo com Hilst, “há 394 perguntas naquele texto” (MAFRA, 2013, p. 149), certo que nem todas feitas pela protagonista, mas elas contribuem para o progresso da narrativa.

Em cada pergunta, a senhora D parece externar o medo que guarda em si, um medo de muitas faces que se materializa na impossibilidade de chegar a um entendimento sobre as coisas, de estar sozinha ainda que não o queira e mesmo recusando

estabelecer contato com Ehad, bem como de usar máscaras para enfrentar os vizinhos ou de escandalizá-los com a expressão da sua nudez e sucessivos xingamentos.

É da manifestação desse medo plural que a seção seguinte pretende se ocupar e dar-lhe algum esclarecimento, já que se compreende ser o medo da senhora D aquilo que serve de motivo para também causar medo nos outros, ou seja, o medo de si permite que se torne mal vista na vizinhança e desconhecida para o marido de tal modo que ao mesmo tempo assusta e fascina, atrai e repele, conforme reconhece Todeschini (1989).

### **O MEDO DA SENHORA D COMO INCERTEZA DE SI**

No livro do Genesis, após o ato de desobediência que culminou na abertura dos olhos para a sua nudez, homem e mulher escondem-se da voz de Deus. Ao ser por ele questionado, o homem responde que se escondeu do criador por medo porque sabia que estava nu (THE BIBLE, 2008).

Esconder-se ou fugir é uma das atitudes que algumas pessoas tomam quando se encontram com medo, defende Svendsen. Nesse caso, esconder-se adquire o sentido de não ser visto por alguém que o ameaça e o ato de se esconder implica em aderir a uma determinada postura corporal (deitar-se ou encolher-se) e em evitar lugares iluminados.

O vão de uma escada corresponde a um lugar que não é completamente iluminado e poderia servir de esconderijo contra uma provável ameaça. Se for assim, do que a senhora D estaria se escondendo ou o que a estaria ameaçando a ponto de precisar se esconder nesse lugar?

Uma das pistas é fornecida logo no início da narrativa quando a protagonista informa o seguinte: “Vi-me afastada do centro de alguma coisa que não sei dar nome” (HILST, 2018, p. 17). É possível que a perda desse centro, representando equilíbrio, que ela não sabe identificar tenha sido um dos motivadores de sua fuga da normalidade já que tanto para o marido quanto para os vizinhos ela vai se convertendo em uma desconhecida, uma estranha que se faz ser evitada, optando pelo desamparo, pelo abandono, pela solidão.

Um momento em que a vontade de ser evitada se manifesta é quando Ehud se dirige à senhora D dizendo-lhe que está descendo a escada e ela imediatamente reage pedindo-lhe “não venha, Ehud, posso fazer o café, [...] mas não venha” (HILST, 2018, p. 20).

O interessante dessa demonstração de afastamento é que a senhora D justifica o medo de se relacionar com o marido devido na ideia de esse contato não ser possível porque não é algo do qual ela tenha conhecimento, pois na mesma passagem diz: “não posso dispor do que não conheço [...], não sei nada de você Ehud [...] nunca soube nada” (HILST, 2018, p. 20).

Todeschini comenta que “[a] ausência de ‘centro’ é angústia diante do nada e do ser nada [...]. Pensar o não-centro, é pensar o vazio, o caos, a queda vertiginosa no abismo” (1989, p. 7). E o abismo, como desconhecido, como lugar que não se consegue enxergar completamente causa medo porque pode seduzir o expectador para o seu não-centro, para a sua indefinição, como percebeu Friedrich Nietzsche<sup>3</sup>.

---

3 É no aforismo 146 de *Além do bem e do mal* que o filósofo alemão reflete sobre a figura do abismo e do ser diante dele.

A senhora D está ao mesmo tempo em busca de refúgio e de se esconder, devido à falta de um centro, de equilíbrio. Nessa situação de negação que produz angústia, há momentos em que fará uso de máscaras, costuradas por ela mesma, como forma de trazer para o exterior aquilo que está oculto. “[T]udo estaria na cara” (HILST, 2018, p. 21), assevera.

Svendsen explica que as emoções de angústia e medo podem em alguns casos serem confundidas. Então, como precisar se é medo ou angústia a situação-limite apresentada pela senhora D?

Para o filósofo norueguês, há sempre uma dose de angústia no medo, mas uma distinção habitual que existe entre medo e angústia é que o primeiro possui um direcionamento em relação ao seu objeto e a segunda não, quer dizer, o medo é sempre medo de alguma coisa. Não se pode afirmar o mesmo da angústia. Apesar disso, ele reconhece que a linha divisória entre as duas, na prática, não é tão definida quanto parece (SVENDSEN, 2008).

De todo modo, o medo da senhora D é o medo desse algo que ela não sabe nomear, mas reconhece a realidade dessa ausência em sua vida. A incerteza se apresenta como elemento característico daquilo que a amedronta. Tal incerteza, portanto, não é um objeto real, mas nem por isso deixa de ameaçar a sua existência.

Como resultado do medo que se apossa de si, a senhora D decide viver no vão da escada, viver no escuro, no rebaixamento, pois o vão passa a significar justamente a sua queda da normalidade, mas mais que isso, o seu impedimento de enxergar as coisas, de compreendê-las, por esse motivo a pergunta se impõe como meio de interação com o mundo.

Além disso, a própria imagem da escada é metáfora da sua existência porque ao optar por um lugar de esconderijo, buscou se posicionar na parte de trás da escada, passando a viver na inversão, no canto, nos vincos, nas dobras, contraditoriamente cheia de vaziez, conforme se lê na página de abertura do livro (HILST, 2018).

Outro indício desse medo plural manifesto pela senhora D é indicado fora da obra, por Hilst quando percebe que a protagonista não consegue se mover na sua vida cotidiana (MAFRA, 2013). Contudo, essa impossibilidade de realizar algum movimento não se refere diretamente à imobilidade corporal porque ela caminha pela casa, vai até a janela. Refere-se mais a um permanecer no mesmo estado de existência, aquele da busca constante por algo que não sabe identificar.

Aliado a isso, o medo de se encontrar abandonada é recorrente na senhora D. É válido destacar que ela se dirige tanto ao pai quanto ao marido em tom de cobrança. Ao primeiro diz: “lembra-te que me prometeste que me guardarias para que eu não enlouquecesse, e agora sozinha, vazio o teu espaço” (HILST, 2018, p. 45). Ao marido, remete a constatação de sua solidão porque ambos morreram antes e a deixaram apenas com lembranças e promessas não cumpridas.

O medo plural da senhora D se consolida na realização do obsceno<sup>4</sup> como complemento de sua personalidade. O obsceno aqui não é caminho para algum desgaste da dimensão sexual. Antes é uma forma de lidar com o desconhecimento que tem de si e dos outros.

---

4 Uma das principais fontes da noção de obsceno que Hilda utiliza é o livro *O erotismo* de Georges Bataille.

Pécora acredita que o obsceno é elemento central na prosa de Hilda, mas esclarece que esse obsceno não serve de entrada para o desejo sexual ou para estimular o gozo. Na verdade, trata-se de um elemento que “conduz sobretudo a uma experiência de destruição e catástrofe que é indissociável da ideia de verdadeira criação” (2018b, p. 416). Mas o que o obsceno teria a ver diretamente com a noção de medo no livro em tela?

Se o medo plural da senhora D pode ser resumido na sua percepção de abandono, duplo abandono (pelo humano e pelo divino), e o obsceno é uma via de destruição que conduz a algo novo, é inevitável considerar que é pela expressão do obsceno que o medo da protagonista toma forma, isto é, se se excluir aquele elemento nuclear da narrativa, este necessariamente será desfeito.

Pode-se comprovar tal afirmação na percepção da senhora D de que “estamos todos morrendo” (HILST, 2018, p. 21). A própria imagem da morte corta toda a narrativa. A morte é expressão de obscenidade porque permite a destruição de uma conhecida existência para a formação de uma outra, ainda desconhecida, apenas podendo ser pensada em potência, como projeto a se efetivar.

Sobre esse tópico, Todeschini apresenta a seguinte compreensão: “O tempo é o tema central de A obscena senhora D. O ser é destrutível, as formas vão-se abolindo num regresso ao ‘caos’, ao amorfo” (1989, p. 16). A intenção é que com o desfazimento do que existe, uma nova existência seja criada.

E a senhora D, provisoriamente reconduzida à condição de Hillé, alimenta essa expectativa quando reconhece que “há de vir um tempo, meu pai, que tu e eu não estaremos mais, nem Ehud,

e estaremos onde num sem tempo? Que hei de ficar tão velha e rígida como um tufo de urtigas” (HILST, 2018, p. 56).

A senhora D/Hillé se aproxima do fim de sua existência diante dos olhos de seus vizinhos. Seu medo plural caminha com ela até o possível último suspiro. Na existência que escolheu seguir, afastou-se do mundo, das pessoas, de si mesma para renascer outra, iluminada, tornando-se “um susto que adquiriu compreensão” (HILST, 2018, p. 57).

O medo de si permitiu à senhora D fugir da normalidade para um lugar incomum, o vão da escada. O medo de si permitiu à senhora D existir consciente de que morreria, não se dedicando, entretanto, a morar absolutamente nas ilusões como antes. O medo de si manifestou-se na coragem de se questionar ainda que provocasse incômodo naqueles mais próximos a ela (pai e marido).

Finalmente, é importante salientar que o principal motor da existência da senhora D é o medo porque justamente por um ato de temor (daquilo que não sabe nomear, do desconhecido) é que decide dar uma nova forma à sua vida. Como se o medo a atraísse para isso, dando o tão buscado sentido às coisas, já que (re)age porque tem medo.

Ademais, o medo a mantém estacionada no mundo, enquanto a ponta de seus dedos se desgastam no gesto de tatear o que a rodeia (HILST, 2018). Ao mesmo tempo, o medo que alimenta dá contornos indefinidos ao seu ambiente, habitado por coisas vivas e mortas, habitado por memórias e promessas, habitado por ruído e silêncio.

No fim, o medo da senhora D não se manifesta como mero susto diante de algo ou alguém que seja uma ameaça ao ser. O

medo dela é a própria percepção de que não é nada e não sendo nada, um sem nome querendo se tornar algo, “à procura da luz numa cegueira silenciosa” (HILST, 2018, p. 17), assusta-se por se encontrar acompanhada, mas se sentir em constante abandono.

## **PALAVRAS FINAIS**

No conjunto da obra em prosa de Hilda Hilst, *A obscena senhora D* representa um marco, por vários motivos, alguns deles expostos na segunda seção. Mas além do reconhecimento que o livro alcançou, outras razões para considerá-lo distinto na bibliografia hilstiana são as numerosas possibilidades de leitura e associações que permite.

Da mais habitual exploração dos sentidos de obsceno até a não tão habitual proposição de uma interpretação dos estados de medo, a narrativa, que se centraliza na protagonista Hillé, não segue um fluxo que torne a sua leitura mais apreensível, ao contrário, demanda cuidado e dedicação por parte do leitor.

Considerando a proposta que se delineou como objetivo para este artigo, de identificar como o medo se manifesta na existência da senhora D, é importante destacar que o medo da protagonista não se resume a um temor de ser machucada ou a uma ameaça materializada em alguma forma.

O medo da senhora D é o medo do desconhecido, do sem nome, de si mesma e tal emoção a conduz a um estado de existência mais psicológico que social. Na verdade, a vida com os outros é algo que a personagem procura evitar a todo custo. Basta observar como rejeita o marido, assusta os vizinhos e usa máscaras a fim de se fechar em si.

O medo da senhora D a conduz ao abandono. Contraditoriamente, é um abandono que não a priva de ver e ser vista, bem como não a priva de falar, ser ouvida e ouvir. Mas trata-se de um abandono de algo a que sequer consegue dar nome. E a forma de lidar com essa situação-limite é buscar no rebaixamento da condição humana um caminho para dar significado às coisas e a si mesma.

O medo da senhora D se manifesta como negação. E quando se recusa a executar as mesmas ações de outros momentos, passa a ser mal vista por quem a circunda, passa a ser assombrada pela quebra da normalidade, interagindo mais com o não humano do que com o humano. Exemplo disso é o valor que dá ao cuspe que é depositado em sua mão. “[E]la ficou olhando o cuspe, fechô a mão, fechô a janela bem devagar pro cuspe não cair” (HILST, 2018, p. 48).

Refletir sobre o valor do cuspe e sua composição é mais valioso que se deter nas gargalhadas que simbolizam um desses mesmos atos ordinários da vida com os outros. Em seu medo de si, a senhora D prefere se dedicar a sofrer pela sua indefinição do que se acomodar com a certeza que Ehad, entre outros, expressam.

Para Todeschini, toda a narrativa é marcada por rituais e esses rituais pretendem diretamente dialogar com o divino, indo da separação de si do mundo até a sua consagração na cena final, quando é santificada pelo Menino-Porco, “sacralizando-a perante os outros, a morte muda sua condição ontológica, deixa de ser a louca desgrenhada, a senhora P, a senhora D, o Nada” (1989, p. 59).

Mas aqui, não se pretendeu defender que um dos medos da senhora D seja o de ficar louca, nem de ressaltar sua evidente

passagem de humana para menos que humana e, em seguida, para se tornar componente do divino que passou parte de sua existência buscando.

A intenção foi de observar justamente nessa passagem de humana para menos que humana como o medo plural da protagonista pode ser definido e identificado. Então, olhou-se para esses momentos em que ela se retrai, mesmo quando ataca os vizinhos e rejeita o marido, indícios de reação ao que ameaça sua nova condição de menos que humana, a fim de determinar a natureza de seu medo plural.

Svendsen percebe que somos atraídos pelo medo e que este, em certa medida, daria cor à nossa existência. Essa cor poderia ser traduzida como o sentido tão buscado pela senhora D para as coisas. Dessa forma, sentir medo é a forma demonstrada por ela para se posicionar no mundo. O medo é a emoção que define a passagem de Hillé para senhora D.

Além dessa constatação, o medo da senhora D, que é um medo de si, torna cada vez mais próximo o fim de sua vida, mas antes que ela morra, aqueles que prometeram cuidar dela se foram primeiro. Entretanto, cabe lembrar que seu medo durou toda uma vida, ou seja, foram “sessenta anos à procura do sentido das coisas” (HILST, 2018, p. 17).

Um medo com essa duração e intensidade não poderia produzir outro resultado que a desumanização do ser. Apesar disso, a senhora D não perdeu uma das principais capacidades do ser humano: representar o mundo através da linguagem. E é por meio da exploração da linguagem e de seus limites que a protagonista também explora o próprio limite de sua existência.

Com essa obra, Hilda Hilst cedeu espaço para um conjunto de reflexões que a incomodavam, mas incomodavam-na como medos que ela mesma confessou conter/guardar em si. O medo da morte, do desconhecido, do inominável, da loucura, de si e de seu corpo.

A existência da senhora D/Hillé, portanto, é um desses momentos nos quais a escritora paulista pôde não apenas tratar de alguns desses medos, mas de representá-los como situações-limite da existência humana ou como ela própria definiu “os momentos mais perigosos do ser humano” (MAFRA, 2013, p. 149).

## REFERÊNCIAS

- HILST, Hilda. A obscena senhora D. In: HILST, Hilda. *Da prosa*, volume dois. São Paulo: Companhia das Letras, p. 11-57, 2018.
- MAFRA, Inês. Hilda Hilst: um coração em segredo. In: DINIZ, Cristiano (Org.). *Fico besta quando me entendem: entrevistas com Hilda Hilst*. São Paulo: Globo, p. 147-155, 2013.
- PÉCORA, Alcir. Notas sobre a fortuna crítica de Hilda Hilst. In: DINIZ, Cristiano. *Fortuna crítica de Hilda Hilst: levantamento bibliográfico atualizado (1949-2018)*. Campinas, SP: UNICAMP/IEL/Setor de Publicações, p. 8-17, 2018a.
- PÉCORA, Alcir. Cinco pistas para a prosa de ficção de Hilda Hilst. In: HILST, Hilda. *Da prosa*, volume dois. São Paulo: Companhia das Letras, p. 407-417, 2018b.
- SVENDSEN, Lars. *A philosophy of fear*. London: Reaktion Books, 2008.
- THE BIBLE. *Authorized King James version*. Oxford, UK: Oxford University Press, 2008.
- TODESCHINI, Maria Thereza. O mito em jogo: um estudo do romance A obscena senhora D, de Hilda Hilst. 1989. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1989. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/75521>. Acesso em: 9 out. 2022.